

TRIBUNA Livre

5
SETEMBRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62112 - AMARES

Turismo-Hospitalidade

Os caminhos e as estradas do mundo estão, salvo raras e antipáticas excepções, à disposição de toda a gente. Viajar é um legítimo prazer e aspiração do homem.

Não obstante sentir-se, entre as nações, cada vez maior ciúmeira e vigilância pela manutenção e defesa das fronteiras e integridade dos estados; crítico este ambiente de guerra fria, todos os povos cultivam a

sério a arte de bem receber.

Com o progresso e a civilização, atingiu-se o bom senso de que as maravilhas e belezas da Terra, com seus dons naturais e suas atracções, não são de uso exclusivo das regiões que as encerram. Pelo contrário, compreende-se que é preciso chamar para elas a melhor atenção dos estrangeiros; facultar a todos a apreciação de tantos prodígios admiráveis da Natureza e da Arte, permitir que colham os seus benefícios, se deixem contagiar da sua influência, de ordem temporal ou espiritual, como a do calor do Sol, que nasce para todos.

O turismo é uma indústria nacional e internacional do maior alcance, sãbia e tecnicamente dirigida, de modo a tirar-se dela o rendimento de que cada terra é capaz, com seus dotes permanentes e fixos ou melhoráveis de ano para ano, numa ânsia de colher melhores proventos, como o lavrador que granjeia o seu campo, semeia e cultiva para obter em futuro breve mais choruda colheita.

Poucos sabem avaliar a grande transformação, e mercê de quantos sacrificios, se tem operado em modestas e simples aldeias, elevadas por seu pró-

Por Domingos M. da Silva

prio e exclusivo esforço à categoria de estâncias de turismo. Temos desses casos em nosso meio. Caldelas e o Gerês, com seus requisitos e deficiências, não surgiram num abrir e fechar de olhos assim como se depararam pela primeira vez ao visitante. Já está aí patente uma obra mais que secular. Por ela se conclui que as gerações precedentes foram deveras activas e, relativamente, bem mais tolerantes.

É certo que estamos em período de velocidade, que mal admite transição, mas esta tem

(Continua na 6.ª página)

Nota Colégio

Conseguida a respectiva aprovação de constituição de um colégio, foram envidados os maiores esforços para o pôr a funcionar em Outubro próximo.

Não obstante as diligências feitas, o resultado de uma inspecção recente, agora conhecido, condiciona a autorização para funcionamento do dito colégio em virtude das instalações não reunirem o número indispensável de aposentos, de maneira a ter de se proceder a obras que não estarão concluídas até Outubro.

Em face do exposto, não poderá ordenar-se o funcionamento com início no princípio da nova época escolar, não obstante desejar-se fazê-lo independentemente do número de frequência.

Atendendo, porém, a que as crianças matriculadas nas escolas primárias podem, em qualquer altura do ano, transferir-se para Colégios, conta-se que legalizadas as coisas pelo lado burocrático, possam ser recebidas as que o desejarem para frequência da 4.ª classe e preparação para a admissão aos liceus; e com estas, aquelas que tiverem feito o 2.º grau e queiram continuar.

A Direcção

VISTAS LARGAS

Tudo quanto dizíamos no nosso número de 31 de Janeiro, sobre o novo Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, Senhor Doutor Frutuoso de Melo, se confirma. Se nessa altura dizíamos que já conhecíamos a sua acção e o seu espírito de bom dirigente, muito nos apraz não só confirmar o então dito, como ainda afirmar que a sua personalidade su-

biu bem mais alto no conceito geral e nosso, depois de o observarmos no desempenho de tão espinhoso cargo e de maneira tão acertada.

Vêm estas considerações mais que merecidas a propósito da visita a esta terra, do Dig.mo Técnico da Junta Central das Casas do Povo, para estudar a localização da futu-

continua na 4.ª página

ABADIA

Como os leitores viram no número anterior, este assunto foi já esclarecido pela Empresa Hoteleira do Gerês L.da, mas porque se nos afigura que esta correspondência, recebida posteriormente, poderá esclarecer alguma coisa mais, por apresentar factos novos, fazemos a sua publicação.

* * *

«Sempre houve e há-de haver um tipo de necessidades,

que exigem um esforço sobrehumano para as vencer, e não são, evidentemente, satisfeitas pelo comum das gentes. Há porém outras exigências, cuja satisfação unicamente depende da boa vontade, do interesse, e do fervor de quem tem a obrigação de agir.

Descendo agora ao particular, todos os concelhos vizinhos da Abadia, foram testemunhas de que, no dia 15 de Agosto, muitos devotos deixaram de ir ao Santuário, por falta de camionetes.

Ora, segundo alguém informa, os senhores dirigentes da Empresa Hoteleira, tinham prometido o envio de carreiras a Monsul e não o fizeram. Sabe-se, além disso, que alugaram algumas das melhores camionetas para excursões, que outras carreiras podiam realizar.

Tudo isto é injustiça, é falta de lealdade no cumprimento do que se promete e, quase me atrevia a dizer, de-

(Continua na 4.ª página)

OS VALORES DO LAR

por B. Ribeiro

Infelizmente, são muito frequentes nos tempos de hoje as desarmonias nos lares. Diariamente a imprensa nos traz declarações e mais declarações, todas com assinatura reconhecida (ora deles, ora delas), e sempre atinentes a esclarecer o público que o marido não se responsabiliza pelos actos da esposa, e esta, logo no dia imediato, a declarar o mesmo sobre aquele...

Poderemos aliar tudo isto aos instantes pedidos de aviso de paradeiro ou a comunicações policiais sobre um ou outra que abandonou o lar, levando consigo valores comuns,

e deixando ao abandono o tesouro comum dos filhos...

Estas desgraças corriqueiras despertaram-nos a atenção e ditaram estas linhas que, gostosamente, emprestamos aos nossos amáveis leitores.

É a miséria—sempre a miséria!—tanto moral como material, a grande causadora desses desastérios sempre agressivos do bem-estar social.

Na falta de preparação e de

(Continua na 5.ª página)

Comentários

Pode causar risos, mas...

... Que tal?!

O diabo tece-as. Veio parar às nossas mãos um apontamento, gentilmente recolhido por um colega, com o fim de o fazermos público. A recomendação foi dada e o pedido cá vai.

Realmente merece reparo o disparate que vamos condenar—já para «aviso» a muitos iguais que vagueiam por esse Portugal além, já para vergonha dos responsáveis pelo desacato em causa.

Aqui perto, numa freguesia a sul de Montalegre e bem próxima da Albuieira de Paradelo do Rio, existem dois casarões toscos, bem chegadinhos e ambos destinados a nobres fins:

Continua na 4.ª página

(Continua na 4.ª página)

Inconfidência... mas talvez não!

II

— É como lhe disse, meu caro amigo:

O vinho verde está para a Região, como... etc. etc. Não tenho outra opinião, e V. mesmo logo concordou comigo, ou não fosse um daqueles para quem o problema do nosso vinho, «é realmente» um problema económico.

Esta «desgraçada» região que vive quase exclusivamente dele e do milho! Quer dizer: Para si, é ponto assente que já de nada vale citar números de pipas de vinho maduro que entram abertamente na nossa região, para consumo público; nada que impeça dele ficar

«definitivamente» nas casas onde entrou legalmente em garrações e na porção de cinco e três litros! Nada — que reste já para pôr a salvo, tanto os maus vinicultores, como os taberneiros e maus zeladores desta fazenda e objecto especial do seu comércio.

Que uns e outros têm os seus dias contados, já que não souberam prever a vida destes dias e para os quais, só tiveram desdem em toda a sua vida! Exactamente.

Vejo com prazer que, afinal, o problema do vinho a todos

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

Oficinas Tecnológicas

Desde o início da aplicação que a Lei n.º 2.017 se tem vindo a afirmar como o meio de fomento agrícola mais eficaz até hoje posto à disposição da nossa Lavoura.

Pode afirmar-se não ter sido desmentida a esperança que o Governo depositou no êxito deste diploma, no âmbito da valorização das explorações agrícolas e da elevação do nível de vida dos trabalhadores da terra, ao apresentar a respectiva proposta à Câmara Corporativa e à Assembleia Nacional, em 1946.

Com efeito, não só têm sido múltiplos os benefícios colhidos, nos pontos de vista das economias privada e nacional, como se tem revelado de grande interesse social a actuação da Junta neste campo.

Repare-se, por exemplo, haver já cerca de 12.000 hectares de terrenos regados até ao presente com o seu auxílio financeiro. Atende-se em que se trata sobretudo de pequenos aproveitamentos, beneficiando, portanto, numerosos agricultores e, também, no facto de se produzirem fortes acréscimos de emprego de mão de obra e maior equilíbrio na sua ocupação ao longo do ano.

O presente comentário limitar-se-á, porém, a um dos sectores em que a actuação da lei tem desempenhado papel decisivo: a **construção e equipamento de oficinas tecnológicas**.

O nosso atraso neste campo era considerável, e a Junta tem contribuído poderosamente para o deminuir: assim, entre 1947 e fins de 1958 o capital investido em obras desta natureza ascendeu a 79.531.988\$00, verba cujo avultado montante dispensa comentários.

A referida importância foi distribuída do modo seguinte:

Oficinas Tecnológicas		N.º de obras	Custo	Empréstimo	%
Lagares de azeite	Particulares	99		12.244.598\$00	37,04
	Cooperativas	44		17.216.340\$00	
		143		29.460.938\$00	
Adegas e caldeiras de destilação	Particulares	289		8.395.220\$00	42,71
	Cooperativas	24		25.571.000\$00	
		313		33.966.220\$00	
Leitarias e Queijarias	Particulares	17		726.380\$00	17,67
	Cooperativas	17		13.329.000\$00	
		34		14.055.380\$00	
Moagens e moendas	Particulares	8		49.450\$00	0,07
Descasques de arroz	Cooperativas	1		2.000.000\$00	2,51
TOTALS		499	137.341.709\$75	79.531.988\$00	100,00

Inicialmente procurou-se dar prioridade à instalação de lagares de azeite, cuja premente necessidade era bem reconhecida pela Lavoura.

Em breve, porém, se reconheceu que deveria impulsionar-se também a construção de adegas, sobretudo depois de estabelecidos *planos regionais* que incluíam apertada rede de oficinas de carácter cooperativo. Assim e só nas áreas de jurisdição da Junta Nacional do Vinho e da Federação dos Vinicultores do Dão, estava prevista a instalação de 141 e 21 adegas cooperativas, respectivamente, e grande parte das adegas construídas ao abrigo destes planos tem sido financiada pelo Fundo dos Melhoramentos Agrícolas.

A Federação dos Vinicultores do Dão ao dar balanço às possibilidades económicas de executar o seu plano previu, mesmo, que tal financiamento se verificasse em todos os casos, encarando a possibilidade de a Junta de Colonização Interna concorrer sempre com empréstimos no valor de 50% do custo das construções.

Deve destacar-se, também, o importante papel desempenhado por este organismo no âmbito da indústria de lacticínios e do tratamento do leite em natureza. De entre os casos citáveis lembra-se o da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa (UCAL), e suas associadas (Sintra, Mafra e Loures), às quais se concederam empréstimos no total de 4.800.000\$00 para instalação de postos de concentração, tratamento e refrigeração. Menciona-se, também, a União das Cooperativas Agrícolas de Lacticínios e de Produtores de Leite da Ilha de São Miguel, que obteve um empréstimo de 3.500.000\$00, para a construção e equipamento de uma fábrica de queijo, manteiga e caseína.

Este auxílio apresenta considerável interesse não só por ir ao encontro da necessidade, sobejamente reconhecida, de elevar a

«Mosca da Azeitona»

Salientar a importância económica desta praga quase se torna desnecessário dado que todos os olivicultores já há muito se aperceberam dos gravíssimos prejuízos que anualmente ela provoca. Com efeito, regiões há onde todos os anos as azeitonas são quase totalmente dizimadas pela larva daquele insecto, designado em linguagem científica por *DACUS OLEAE*. Como consequência do ataque deste insecto, a maioria das azeitonas cai prematuramente, ficando as restantes tão engelhadas que o seu peso e volume são extremamente diminutos em relação às não atacadas. Deste facto resulta que a quantidade e qualidade de azeite são extraordinariamente diminuídas.

De há longos anos que o problema do combate a esta prejudicial praga tem preocupado todos quantos, aos problemas entomológicos ligados à oliveira, se têm dedicado. Muitos têm sido os produtos e métodos ensaiados para o combate a este insecto. Porém a pouco e pouco quase todos têm sido abandonados, uns por pouco eficazes, outros por não serem económicos, outros ainda por deixarem resíduos tóxicos no azeite. Deve-se aos investigadores da S. MONTE-CATINI (Itália) a descoberta dum produto—hoje considerado o mais eficaz e económico—capaz de resolver definitivamente o problema de que nos vimos ocupando. Tal insecticida, lançando no mercado Português pela «UNIFA», é designado por «ROGOR».

O custo dos tratamentos—quando comparado o lucro conseguido em relação às árvores não tratadas—é excepcionalmente baixo, da-

nossa capitação de consumo de leite e derivados, actualmente das mais baixas da Europa, como, ainda, pelas vantagens que da criação e regularização de mercados podem advir aos agricultores.

Do exame do quadro anterior também ressalta nitidamente a preferência dada ao financiamento dos empreendimentos de índole cooperativo em relação aos particulares. Esta preferência se não se traduz pelo número de obras, avulta pelo montante dos empréstimos concedidos.

Quanto aos lagares de azeite, se a princípio foram favorecidos de preferência empreendimentos individuais, actualmente, após a conclusão dos planos regionais atrás citados, apenas se auxiliam particulares desde que se não preveja a instalação de lagares cooperativos nas respectivas regiões ou as produções a laborar sejam de tal modo avultadas que, só por si, justifiquem uma oficina privativa.

Semelhante orientação tem provado ser não só a mais vantajosa no ponto de vista económico, como também, a que permite melhores resultados tecnológicos.

Como voto para o futuro, exprime esta Junta a esperança de que as disponibilidades do Fundo de Melhoramentos Agrícolas lhe permitam incrementar a acção de fomento que no campo tecnológico se impõe para vencer completamente os nossos atrasos; com mais avultados meios, a sua experiência e os resultados dos doze anos passados é bem legítimo o sentimento de optimismo.

AGENDA DO LAVRADOR

Nos Campos

Prosseguem as lavouras de alqueive e deslavras. Enterram-se os estrumes para as próximas sementeiras, podendo aproveitar-se para estrume artificial matos, ervas, folhas, moinhas, varreduras e outros resíduos. As primeiras águas, semeiam-se as leguminosas mais valorizadas para enterrar em verde: tremoços, serradela, etc. Semeiam-se também nesta altura as ferrãs de centeio, cevada e aveia. Se a terra estiver preparada e o tempo ameaçar chuva, deita-se sobre o pó a semente de nabo, passando-lhe por cima uma grade de costas. Colhem-se feijões e milho serôdios, e arroz. Nalgumas localidades de temperaturas baixas já se semeiam trigos.

Nos Pomares

Continua a colheita e arrecadação dos frutos dos pomares, salvo as peras de Inverno e os peros. Apanham-se as nozes, e começa a colheita da castanha. Nalgumas localidades principia a colheita da azeitona para mesa. Enxertam-se de borbulha pereiras, macieiras, ameixoeiras e laranjeiras.

do que a concentração das caldas utilizadas é muito reduzida. De facto, utilizando-se uma máquina de alto volume, a calda respectiva prepara-se-á apenas com 3 decilitros de «ROGOR» por cada 100 litros de água. E as experiências já largamente realizadas, têm demonstrado que os resultados económicos obtidos são suficientemente compensadores para justificar o emprego do «ROGOR».

Nas Vinhas

Inspeccionar o estado de maturação da uva. Pode ser ainda útil desparrar, para que certos cachos ganhem mais cor. Aproximadamente desde meados do mês, inicia-se a vindima, se a uva já estiver suficientemente madura. Convém fazer ensaios para ver qual a melhor altura da vindima. Se ainda não estiver preparado o vasilhame, prepará-lo como se indicou no mês anterior.

Nas Hortas

É indispensável a continuação das regas, embora mais espaçadas. Estrumar e cavar os canteiros vagos. Nas plantações de Julho e Agosto, suprimir o excesso de braços que tenham lançado. São proveitosas as sachas para eliminação das ervas más. Fazem-se neste mês as grandes plantações de morangueiros. Plantam-se também várias hortaliças. Semeiam-se agriões, alfaces de cortar e repolhudas, azedas, beldroegas, bróculos, cebolas, cebolinho, cenouras, espinafres, diversas couves, nabos, rabanetes, rábanos, repolho e salsa.

Nos Jardins

Semeiam-se todas as plantas anuais ou perenes, cuja floração se espera entre Abril e Junho do ano seguinte: açafates-de-prata, amores-perfeitos, assembleias, ásteres, begónias sempre-em-flor, bocas-de-lobo, calceolárias, chagas, ciclames, cinerárias, clárquias, cravinas, cravos dobrados e cravos-da-china, ervilhas-de-cheiro, esporas, estrelas-do-egipto, galhardas, gipsófilas-godézias, goivos, malmequeres anuais e malmequeres de palha, malvaiscos, maravilhas, margaridas, mímulas, miosótis, paciências, pagões, papoilas, primulas, resedá, sálvias, saudades, sempre-vivas e verbenas. Cuidar das dalias em floração, limpando-as de flores murchas, amparando as de pé alto com estacas. Todas as estacas plantadas em Agosto exigem regas e sachas. As que já tenham lançado raízes passam-se para vasos.

Nas Adegas

Observar os vinhos envasilhados, pois se tiverem muito açúcar podem referver. Os mostos devem ser analisados quando à acidez, que se pode corrigir com ácido de potássio que, embora demore as fermentações, as saneia.

TRIBUNA do CONCELHO

Factores Tributários

A rectificação da matriz da propriedade rústica, a que se procede actualmente no concelho de Vila Verde, devia mostrar a necessidade de correcção em outros concelhos que se encontrem no mesmo estado. Depois é que se poderá avaliar do prejuízo anual que vem sofrendo o Estado e no geral todos os proprietários amantes da Justiça e equidade que clamam protecção à lavoura, aliás com toda a razão. As centenas de hectares de terrenos arroteados depois das chamadas matrizes velhas, o aumento de produção em todos, deve desviar a ideia de que as contribuições neste ponto devem ou podem baixar. Muitos proprietários que nos acompanham também concordam, satisfeitos, que aumentando o rendimento não pode baixar a contribuição.

O que todos acreditam—pois não pomos em dúvida o desejo do Governo de completar o auxílio que já tem prestado à lavoura com a F.N.P.T. se assim não fosse, a débil situação económica do médio e pequeno lavrador não teria resistido aos modestos encargos que lhe são impostos, e que depois dessa rectificação, o factor tributário possa vir a ser mais um elemento para ponderar como alívio às dificuldades insuperáveis nos aglomerados familiares da categoria citada.

Não precisamos de preconizar fórmulas para solucionar esta situação, nem para isso temos competência, apenas nos cumpre lembrar a quem com tanto carinho tem prestado altos benefícios a todos as classes que trabalham, que o problema agrário é um problema sério, que é da Nação e para a Nação vivem todos os seus obreiros com ordem, respeito e humildade, mas em que os braços desaparecem constantemente porque não oferece este sector da vida portuguesa a menor vantagem financeira, nem proporciona condições de vida que desperte carinho

e amor à terra de onde se alimentam os 10 milhões de habitantes do Continente e a população enormíssima do globo.

Que todos os lavradores ainda em vida do nosso Eminentíssimo Chefe do Governo possam gozar de uma felicidade relativa, são os votos de um modesto lavrador que de perto agora auscultou tantas máguas, em contacto directo com aqueles que admiraram e seguiram o exemplo do saudoso Rei D. Diniz, o lavrador.

Elísio Gonçalves

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Rendufe Banho Fatal

Morreram afogados no rio homem, quando se banhavam, os meninos António Pereira de 12 anos e Artur Vieira de 8 anos. O primeiro filho de Delfim Pereira «O Mira», ausente em França é de sua mulher Arminda da Silva e o segundo filho da viúva Cacilda de Barros, todos residentes no lugar dos olheiros, desta freguesia. Os Bombeiros voluntários de Amares ao terem conhecimento da tragédia compareceram com o pronto socorro auxiliando com grande esforço a condução dos corpos das vítimas para a margem do Rio.

As autoridades locais e o subdelegado de saúde que compareceram, prontamente tomaram as providências exigidas.

C.

Deliberações Camarárias

Requerimentos de Obras

De João Fernandes, da Torre, solicitando licença para reparar os telhados do seu prédio, sito no lugar de Pochinho, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Adelino António Antunes, de Goães, requerendo licença para reconstruir uma dependência do seu prédio, sito no lugar de Corredoura, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Francisco Xavier da Silva, de Rendufe, pedindo licença para abrir uma portada, caiar e retelhar o seu prédio sito, no lugar da Cova, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Domingos Manuel Antunes, de Bouro Santa Marta, requerendo licença para reconstruir parte da fachada principal do seu prédio, bem como construir duas cortes no lugar de Fonte, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Domingos da Ascensão, de Barreiros, pedindo licença para reparar o seu prédio, sito no lugar de Lameira, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De José Soares Mendes, de Lago, solicitando licença para reconstruir a fachada principal do seu prédio, sito no lugar da Veiga, da mesma freguesia. Tem informação favorável.

Internamento de doentes

O Hospital de São Marcos, de Braga, comunicou o internamento urgente dos doentes Maria de Jesus Gonçalves, de Caires, de José Emilio Alves Victoriano, de Ferreiros, de Joaquim Vieira, de Lago, de Luis Gonzaga Fernandes, de Caires, de António Sepulveda Ferreira, de Prozelo, de Maria da Conceição Pimenta Lopes, de Barreiros, de Cândida de Sousa Vieira, de Barreiros, de Deolinda Almeida Rodrigues, de Fiscal, de Idalina Rosa da Silva, de Bouro, de José Maria Fernandes, de Santa Marta, de Maria da Conceição Pimenta Lopes, de Barreiros.

Edifícios Escolares

O Director Geral da Fazenda Pública, Lisboa, comunicou que o edificio escolar de Caldelas é propriedade de Estado e só poderá ingressar no património Municipal mediante a publicação de um decreto que autorize, mas se o mesmo edificio for pretendido para fins de interesse público pode ser cedido a titulo precário. Informa, ainda, que o edificio escolar desta Vila, pertence à Junta de freguesia, podendo este Corpo Administrativo dispor dele.

Concursos de Empreitadas

O Governo Civil do Distrito de Braga, transcreveu a circular n.º p.º z — 1/7, 2-A, 2.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que se num concurso de empreitada de obras públicas ficar deserto ou para ele não tiver sido apresentada proposta conveniente, poderão ao novo concurso que a seguir se abrir, serem admitidos concorrentes não classificados nem inscritos na Comissão de Inscrição e Classificação de Empreiteiros de Obras Públicas, desde que não haja alteração do valor base de licitação ou qualquer outra alteração do programa e caderno de encargos que implique melhoramento das condições económicas do futuro contrato.

BOURO

Tempo disponível

A falta de vagar, de disposição e até de saúde, inibiu-me de trazer às colunas deste Jornal, durante algum tempo, o noticiário de Bouro. Desculpem-me os conterrâneos ausentes, para quem o Jornal é um porta-voz noticioso do torrão que os viu nascer e através do qual esperam as últimas novidades.

A propósito do meu silêncio, já alguns amigos se me dirigiram, por meio de carta, perguntando-me se cortei relações com a redacção do Jornal. Não; só o motivo que acima exponho contribuiu para tal.

Passando ao assunto de que hoje me vou ocupar, eilo:

O Abastecimento de águas — Um ligeiro comentário.

Quando da notícia inserida neste jornal, sobre o assunto em epígrafe, apelamos para o

bom senso de quem nele superintende, e tudo, felizmente, se encaminhou pelo melhor, ou pelo menos disso nos fizeram promessa, que aguardamos seja satisfeita.

Por exemplo: lembrou-se a conveniência de colocar, no Largo do Terreiro, algumas bocas de incêndio, para no caso de o haver, ser mais fácil a sua extinção. Depois a venda de água ao domicílio, também de grande conveniência, visto haver um regular número de consumidores que a desejam. Tudo, como acima digo, está encaminhado para se resolver no mais curto espaço de tempo.

Desta maneira ficam já satisfeitas algumas aspirações; mas, outras existem de que não podemos abdicar, visto a sua grande importância e de conveniência: a localização dos

(Continua na 4.ª pagina)

HUMORISMO

Entre amigos

—Onde vais passar as tuas férias?

—Vou em Agosto para o Estoril.

—Mas olha que em Agosto, no Estoril, costuma estar a 40 graus à sombra...

—Eu sei, mas ninguém me obriga a estar à sombra!

Na Rua

—Então o senhor está a pedir esmola e anda tão bemvestido?

—Que quer! Eu não como a roupa...

Não paga

A senhora acompanhada pelo filho viajava no comboio. Chegando o revisor apresentou apenas um bilhete e disse:

—Este menino não paga bilhete.

—Pois não — respondeu gravemente o revisor: —Esse menino não paga nada. Quem paga é a senhora por ele.

Vida elegante

Aniversários

Hoje — a menina Maria Barros de Azevedo e a Snra. D. Mariett Barros de Azevedo.

Segunda-feira, as Snras. Maria Judite Gonçalves Macedo e Lúcia Martins Dias, os Snres. José Joaquim Leite e Alberto Dias Antunes.

Quarta-feira — a Snra D. Almerinda dos Prazeres Fernandes.

Quinta-feira — o Snr. Alberto Ramos Leite de Azevedo.

Parabéns a todos.

* * *

Passa hoje o aniversário natalício da menina Clara Fernandes Alves, irmã do Snr. Rev.mo Pe. Albino Fernandes Alves.

Pela passagem do seu aniversário, suas amigas Maria Alice Macedo Martins e Maria Lucília Macedo Martins, desejam-lhe mil felicidades e que esta data se repita por longos anos.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Câmara Municipal de Amares Convocação

De harmonia com o disposto no Art.º.29.º do Código Administrativo, convoco os Ex. mos vogais do Conselho Municipal para a segunda sessão ordinária, do corrente ano, deste órgão colegial, a qual terá lugar no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho, no próximo dia 10 de Setembro próximo pelas 14 horas e 30 minutos.

Amares, 31 de Agosto de 1959
O Presidente da Câmara,
D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena

VISTAS LARGAS

Continuação da 1.ª página

ra Sede da nossa Casa do Povo, da tão desejada Sede Social do Organismo Corporativo que sempre se tem evidenciado pela sua acção e que vai ser um baluarte que levantaremos bem alto, desenvolvendo todas as suas secções, que por falta de espaço vivem atrofiadas. Ele será, assim o esperamos, a honra das Casas do Povo, e vem a propósito, para mais vincar o rumo certo e sério que S. Ex.cia dá aos assuntos, sem promessas vãs.

Temos por isso a certeza que a última dificuldade que

Comentários

Continuação da 3.ª página

um para Residência Paroquial e outro para Edifício Escolar.

Este último mereceu as honras (!) de uma caiadela e de retelhamento—já que de muito mais precisava.

Mas... o diabo tece-as. O «artista» a quem a reparação foi entregue—ou por homenagem a prestar, ou para merecer encargos futuros—pensou em agraecer ao Regedor da terra, que, pelos vistos, foi quem suportou as despesas da reparação.

E o «artista caidor» se bem o pensou em nada esmoreceu, tanto mais que as surpresas têm o seu valor...

No entanto—e aqui vai o referido apontamento—o caidor, sem respeito pela sua bagagem literária (?) nem pelo edifício onde trabalhava—concluiu que ficaria bem no alçado principal esta inscrição: «Obras a encargo do Regedor—1959».

O pior foi realizar o pensamento... E vai daí, saiu este lindo acepipe de risota e comisseração:

OVRAS A EIN
CARGO du R Jdore
1959

—Que tal?! Esta inscrição vai ter o seu valor antiquário. Os monografistas do futuro hão-de suportar canseiras e estudos para descobrirem o disparate apontado.

Mas o que mais feriu a nossa sensibilidade, foi sem dúvida aparecer isto num edifício escolar e junto da casa do Pároco!

Com franqueza, isto brada aos céus e pede a palmatória... mais para quem tem obrigação de corrigir do que para o autor da parvoíce!—E que pensará o Regedor?!

Mais uma vez se comprova que ainda é cedo, muito cedo, para acabar com a Campanha contra o analfabetismo.

Pelos vistos só temos que a intensificar e... alargar!...

Pois bem, atenção amigos de perto, lavem já essa triste «comenda» e vamos a ser portugueses dentro de Portugal!...

Pisões, Agosto de 1959

B. Ribeiro

surgiu à Direcção e o D.mo Técnico levou apontada para Lisboa, vai ser resolvida a contento de todos, porque temos fé no Altíssimo Servidor que Sua Ex.cia o Senhor Ministro das Corporações tem neste Distrito.

Fiel defensor do pensamento do Governo, a sua acção veio até nós também, dinâmica e feliz, no que se refere ao problema da habitação para trabalhadores, incitando as Casas do Povo a proporcionarem aos seus sócios as regalias da nova lei, explicando-a e dando directrizes que estão a manifestar-se favoravelmente.

Neste caso importantíssimo como no da nossa Casa do Povo, as suas visitas foram felizes, fazendo nascer fé de novas fontes.

A sua acção construtiva e conciliadora vai também fazendo sentir-se no que se refere a contratos colectivos, que, sem deixar de ser hábil e desapaixionado negociador, sabe fazer justiça, dando a César o que é de César.

Este semanário, tanta vez alcunhado de violento e insólito, talvez por ser independente, nunca deixa no entanto de prestar justiça a quem a merece e com o mesmo desasombro.

Não há dúvida que é preciso desburocratizar e seguir em frente, com vistas largas.

P. M.

Inconfidência... mas talvez não!

Continuação da 1.ª página

é comum, só o que falta é quem chame o nome próprio aos que lhe deram origem e o levaram à ruína! Seja porém como agora seja visto, a realidade é esta: Entram na agonia os maus productores; passarão doravante a ter melhor paladar, os maus bebedores — que até agora levaram os próprios taberneiros a estragar o vinho, para os «contentar» com menos um tostão em copo, ou menos dois ou três em quartilho! Entrou-se no campo das realidades, com a industrialização do producto! Submetidos assim, e agora mesmo, a uma espécie de «campeonato» inter-regional a disputar entre verdes e maduros do norte e sul do país, tenho para mim que, pelo menos, nos é preciso «empatar», não decerto em número de golos (garrações — de três ou cinco litros) mas no equivalente a forças em campo e destinadas à «invasão»! Saibam no entanto os interessados, de que as «armas» a usar não podem ser senão iguais às que o «inimigo» nos vem mostrar aqui mesmo. Nada pois, de atropelos ou manhas já conhecidas doutros tempos. Vencerá aquele que mais provas der de competência e não de força...

Certo que o «inimigo» está mais bem equipado financeiramente, mas isto em nada nos

(Continuação da 3.ª página)

fontenários. É este o meu ponto principal de hoje.

Consta que no lugar da Boavista não vai ficar fontenário.

A ser verdade, apresentamos desde já o nosso protesto de discordância, pois consideramos injusta tal decisão, não pelo grande número de habitantes que o lugar possui, mas sim pela distância que aqueles moradores têm de vencer para se abastecer de água e ainda porque não seria de grande dispêndio o fontanário, visto que os canos da água passam pelo meio do lugar. É justo que o lugar em referência seja dotado deste melhoramento.

Há ainda um fontanário previsto cuja localização não está em ponto de servir as necessidades dos moradores.

É o fontanário do Largo do Terreiro. A intenção de ser justo obriga-me a ocupar-me dele, apesar do assunto não merecer uma certa consideração, pelos boatos pouco agradáveis e de certo modo injuriosos, que alguns moradores fazem circular.

O fontanário estava previsto em frente da Igreja, mas, segundo opinião do Ex.mo Director da Urbanização, o local não era apropriado e resolveu mandar colocá-lo mais ao fundo do Terreiro. Na verdade — sem discordar

impede de lá entrarmos, com um vinho (quando inteligentemente «calibrado») de valor muito mais nutritivo, mais refrescante e sempre «brejeiro», como ha-de ser sempre onde se queira «gozar» a meza e prolongar o tempo de delicias!

Não receiem do futuro os que o fabricam bem, para que seja bom; receiem sim, os que o fabricam mal, porque isto de zurrapas e vinagres, vai acabar. As «Adegas Cooperativas», ainda que tivessem chegado tarde, são em todo o caso um aviso para que, pelo menos, consigam quanto antes atingir uma «segunda» e poderem viver desse pouco que produzem para venda e governo de suas casas!

«O mundo marcha» e não se compadecerá dos fracós! Atenção pois, à lei da oferta e da procura. A. F.

Chorense

Continuação da 3.ª página

que, merecem todos os elogios pois já oito dias antes deitavam foguetes e trabalhavam nos grandes arcos que aqui se costumam fazer, com caprichosos desenhos e ornamentação do recinto da porta. Parabéns a todos e apelamos para que no ano de 1960 tudo corra da mesma forma. Deus queira que sim.

Chorense 24 de Agosto de 1959. António de B. Correia

Bouro

da estética — o local onde o fontanário servia melhor, era o escolhido pela primeira vez, porque à sua volta ficavam 35 casas, todas habitadas, e ainda porque o fundo do Terreiro está na verdade bem servido de águas. Na minha modesta opinião, a conveniência de 35 moradores, devia ter prioridade sobre a estética, ou seja o local onde mais embeleza. Se a água vem com o fim de beneficiar os consumidores, era portanto, nas proximidades da Igreja, o ponto que melhor servia.

Este assunto, pelo seu interesse, tem dado que falar e daí, a criação de boatos disparatados, que só um cérebro óco poderá admitir.

Querem apontar a Junta de freguesia como culpada na localização do fontanário quase ao fundo do Terreiro, quando na verdade a sua opinião era que ele fosse feito junto à Igreja, mesmo até porque nenhum membro da Junta é beneficiado. Além disso, apenas o Presidente tem conversado com o Ex.mo Director da Urbanização, e prova-se não ter interesse no fontanário do Terreiro, porque reside a cerca de 500 metros deste local. Contudo tem-se esforçado para que o fontanário fique junto à Igreja, o que muita gente não acredita, e já o apontam capaz de pedir um local em

Abadia protesta

(Continuação da 3.ª página)

sinteresse pelo Santuário Mariano.

Se a Empresa Hoteleira se vê incapaz de enviar número suficiente de carros, devia consentir, ao menos no dia 15 de Agosto, no auxílio de outras carreiras.

Outra necessidade, para a qual tantos apelam, é a existência duma carreira que traga o correio mais a tempo, pois o carro das 16 horas é demasiado tardio. Este último, seria então útil que fizesse carreira por Abadia, visto que o Santuário necessita duma carreira diária, para ser cada vez mais conhecido e assim, auxiliado como tanto é mister.

Foram apresentadas as justas exigências da Abadia, no que diz respeito a camionagem. Fica-se contando com o fervor religioso e bom acolhimento daqueles, a quem cabe satisfazê-los.

Tissago de Jesus

NINA

A sapataria dos vossos filhos.

As últimas novidades para jovens de todas as idades.

Exclusivistas das melhores fábricas do País.

Vendedora das confecções «Bom Gosto» — Novidades — 92 — Rua do Souto — 94 — Tel. 23602 — Braga.

Comemorações em Braga

Continuação da 1.ª página

de está montada a exposição do Livro Católico, tendo antes aquele prestigioso Prelado procedido ao corte de fita simbólica que vedava a entrada. A exposição distribui-se através de 1.900 trabalhos, criteriosamente dispostos pelas seguintes secções:

Religião, Filosofia, Hagiografia, Biografia, Educação Moral, Espiritualidade, Pensamento Católico, Mariologia, Cristologia, Moral, Literatura, Piedade, Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Poesia, Teatro e Música.

Dos dois mil e tal volumes expostos vindos de Editoras Portuguesas, Brasileiras, Espanholas e Francesas foi organizado o respectivo catálogo que será fornecido aos visitantes interessados.

O horário de funcionamento é o seguinte: — Terças-feiras e domingos: — 10 às 12,30; 14,30 às 18; e 21,30 às 23,30 horas. Nos restantes dias: — 21,30 às 23,30 horas.

público, e outro em particular. Esta hipótese não tem o mínimo de admissível na capacidade de pessoa bem formada, e só um inconsciente ou um depravado a pode admitir, porque o local agora escolhido não fica em ponto benéfico—diga-se até—de qualquer morador, por ficar próximo da fonte do Portuzinho.

Dada a nossa opinião para o assunto, resta aconselhar um pouco de prudência na «língua» e aqueles que por qualquer motivo se sintam mal em Bouro, lembremos que prescindimos da sua presença.

Notícias Pessoais

Encontra-se entre nós o conterrâneo muito amigo Senhor Dr. Camilo Baptista de Sousa, que aqui vem passar as suas bem merecidas férias. Lamentamos ser pouco tempo, visto a elevada honra que a sua presença nos dá.

Regressou a Lisboa, após 15 dias de estadia junto de sua família e amigos, o nosso particular amigo e assinante deste Jornal, Senhor Francisco Marques, acompanhando a sua esposa e filhinho. A este conterrâneo desejamos muitas felicidades, pois que o seu bairrismo tudo merece.

A. Fernandes

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 45

(CONTINUA)

Na Visita de 23 de Maio de 1787 ordenava que se fizessem na igreja os clamores que os fieis até aí por voto e promessa iam fazer fora e redundavam em desrespeito e ofensa a Deus.

Mas o que mais ilustra esse 2.º «livro dos Capítulos» é um precioso autógrafa do autor dos *Miliários*, mais valioso ainda pelo que revela da sua forte personalidade, nestes termos: **Protesto e declaração** — *Constando-me a mim abaixo assinado, que as terras do passal desta Igreja, denominadas de Santo. Ovídio, foram arrematadas em hasta publica no dia 29 de Dezembro de 1877, e que as restantes propriedades do mesmo passal foram por igual teor alienadas no dia 12 deste corrente mês de Fevereiro de 1878, sem previo consentimento e contra vontade da Egreja, unica proprietaria e senhora de tais bens, e não podendo eu embargar semelhante exacção, venho protestar contra ella por este meio, como de facto protesta diante de Deus e dos homens contra semelhante acto, atentatorio da propriedade em geral e dos direitos da Egreja em particular.*

Outro sim, declaro muito terminantemente que em nada concorri para tal expoliação; e, ao contrario, empreguei os meios que me pareceram mais eficazes e honestos para a conservação de parte do pessal, indo de proposito a Lisboa, para esse fim, recomendar uma petição e queixando-me ultimamente, em officio de 21 de Dezembro passado, ao Director chamado dos «Proprios Nacionais». E para constar d'um modo bem explicito agora aos meus parochianos e de futuro aos meus rev. os sucessores, lavrei aqui este proleso e declaração que vou ler na presença dos abaixo assignados meus parochianos, os quais assignaram a rogo meu e darão testemunho a todo o tempo. Residencia parochial de S. Paio de Carvalheira, 16 de Fevereiro de 1878.

a) — O abade Manuel José Martins Capella — Joaquim António Correia — Joaquim António Gomez — António José Carneiro — Alexandre Joaquim Pr. a Antonio José de Carvalho — António Joaquim Alves — Ignacio Joaquim Soares.

Por interpretar os seus desejos de divulgação, bem manifestos, aqui se publica, a tal respeito da expoliação dos bens das igrejas, o parecer e modo de sentir do homem que, pelas provas que deu da sua grande ilustração, há muito se considera a figura mais grada do concelho nos últimos tempos.

Exerceu a parochialidade e o magistério. Conceituado mestre da arqueologia, o estudo da Geira e dos seus padrões constituiu para Martins Capella uma paixão absorbente e duradoura. Cultivou a virtude e a sabedoria, de modo a enfileirar na pleiade dos mais ilustres sacerdotes e académicos do seu tempo, por isso seus despojos mortais foram, por concessão especial, depositados na capela-mór e projecta-se prestar-lhe justa homenagem póstuma.

Foi o principal elemento de uma comissão que levou a efeito a erecção do monumento ao Coração de Jesus no Alto das Mós, sítio sobranceiro e dominador da vasta redondeza, e teve lugar entre 1911 — 1912.

No adro encontra-se assinalada por pedra funerária a sepultura de seu irmão o Padre João Hipólito Martins Capella que, entre outras, parochiou até aos últimos anos da sua vida a freguesia de Goães, de Amares.

Foi natural de Carvalheira, lugar de Paredes, o Dr. Paulo Marcelino, influente político dos últimos tempos da monarquia.

Em 1758 era abade desta freguesia o Padre António Pereira Bacelar, quando ainda lhe era anexa a vigairaria do Espírito Santo de Brufe. Por dados cronológicos seria abade dela o Padre Joaquim António Vieira Rebelo quem capitaneou o saque e destruição da célebre *Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna*, há 150 anos, triste e lamentável iniciativa.

Continua no próximo número.

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Assina e propaga
a «Tribuna Livre»

Chorense

Festas em honra do Glorioso e Martir S. Sebastião da Geira.

Realizaram-se, nos dias 22 e 23, de Agosto findo, as tradicionais festas em honra de S. Sebastião da Geira. Tudo correu na melhor ordem, as festas foram muito concorridas por pessoas de vários pontos do País, mas principalmente por todo o povo do nosso Concelho.

No dia 22, sábado, foram iniciadas as fes-



Os valores do Lar

por B. Ribeiro

(Continuação da 1.ª página)

compreensão para fundar um lar, está o dardo mortífero destas andanças. O incontinido desejo dos esposos em se ultrapassarem nos seus papeis familiares é a outra pecha...

A mulher quer trabalhar fora do lar. Julga que a vida caseira é rotineira e aviltante. Não sacrifica as suas possibilidades nem a carreira que mantinha antes do casamento...

Por outro lado, o homem sente a falta da mulher no lar.

Daí, principia por dar aos filhos toda a liberdade e entende que não os deve castigar... É uma espécie de compensação pela ausência do carinho materno.

É assim que os valores do lar se deslocam. Entretanto os filhos ressentem-se da falta da mãe e abusam da autoridade paterna!

É ponto que os pais têm de dispensar os filhos todo o afecto. Mas a hierarquia é necessária à boa ordem. O pai terá de ser a autoridade máxima, aquele a quem os filhos amam e respeitam.

Há lares com criada-ama. Mas... senhores, uma criada pode ser uma súplica de bondade e critério, que nunca suprirá o papel de mãe a dentro do lar!

Não duvidamos que há mães a trabalhar fora do lar por motivos de força maior. É a necessidade que a tanto as obriga, e disso têm elas a verdadeira noção.

Mas... chegam a casa já cansadas, a daí o mau-humor.

—Oxalá que os salários dos maridos fossem sempre capazes de evitar o trabalho das esposas fora do lar...

As boas donas de casa nunca devem procurar competir com os maridos na actividade fora do seio familiar. Ambos devem cooperar mutuamente e cada um no seu lugar.

Ela deve ajudá-lo em tudo quanto possa. Ele não se humilhará em auxiliá-lo na própria vida doméstica. Se tudo é dos dois, os trabalhos e as alegrias devem também partilhar-se em comum. Ficam assim integrados nos papeis, compreendendo-se, respeitando-se e ajudando-se! Cada um deles ficará sempre importante no seu papel.

Conscientes da missão que desempenham, os esposos fazem lares felizes—e é com os lares bem constituídos que se eleva o grau social. A família é a base da sociedade.

—Valores?... Lar?...

—Valores do lar e lares com valor!

Pisões, Agosto 1959.

tas com fogo, música, altifalantes e outros divertimentos. No mesmo dia à noite uma grande sessão de fogo de artifício, com as mais lindas cores, que alegravam todo o povo desta terra. Os Zés; Pereiras continuavam com o seu reportório e a aparelhagem sonora da Casa Rodrigues de Vilar apresentava as suas lindas músicas e assim este arraial se prolongou até à meia noite.

No dia 23, Domingo, continuaram as festas, como habitualmente, e logo de manhã subiram ao ar algumas dúzias de fogo para chamar o povo ao S. Sebastião da Geira. Ao meio dia principiaram os actos religiosos com missa solene cantada pelo Grupo Coral de Chorense, assim como outros actos religiosos.

De tarde continuaram as cerimónias religiosas, com sermão por um distinto orador e uma magestosa procissão em que tomaram parte todas as associações religiosas desta freguesia e os lindos andores ornamentados pelo muito conhecido armadores do Souto (Terras de Bourou). A procissão deslocou-se desde a capelinha de S. Sebastião até ao Corto sítio muito vistoso e apreciado por todos que o visitavam.

Continuaram os divertimentos, com música, fogo, basar de prendas e outros atrativos e por fim teve lugar o sorteio de um corpolento carneiro e tudo isto dava o mais vivo ânimo às nossas festas. Chegando a noite, todo o povo se despedia de S. Sebastião e partia para as suas terras; todos os caminhos e estrada romana iam cheios e todos cantando e rindo animadamente com as pingas que beberam com os seus merendeiros, à sombra dos carvalhos de S. Sebastião da Geira. E assim, estimados leitores, terminaram as festas de S. Sebastião da Geira de 1959. Parabéns aos senhores festeiros e a todo o povo desta freguesia

(Continua na 4.ª página)

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

TURISMO-HOSPITALIDADE

(Continuação da 1.ª página)

de verificar-se sobretudo em obras que visam a consolidar-se pelos seus próprios meios.

Há, porém, uma boa parte de agravos e descontentamentos entre hóspedes e veramantes que não precisa de delongas para corrigir-se. Entre casos que não é preciso especificar, é o desapontamento que levam de uma linguagem áspera e grosseiras, por vezes a descambar em sua presença, e como sinal, embora inconsciente, de pouco respeito, no palavirão crônico que faz desmerecer inteiramente da poesia e religiosidade desta santa gente do Minho. A par disto, atitudes de boa ou má vontade, conforme interesses calculados de remuneração; neles o forasteiro menos inteligente vê que tudo depende de abrir mais ou menos a carteira.

A diplomacia no trato pessoal cativa o viajante; o desejo incontido de exploração repele-o. A satisfação de um hóspede deixa o caminho aberto para muitos. A delicadeza e elegância suprem, quando se sabe receber uma visita, mesmo as mais notórias deficiências.

As publicações da espécie e a imprensa fazem adequada propaganda, mas um dos seus meios mais práticos e eficientes tem lugar quando os que che-

gam e os que partem narram suas odisséias, descrevem as suas viagens, traçam suas perspectivas e programas de suas estadias. Nos cafés, nas esplanadas, despedidas e visitas de praxe, uns sentem-se bem com pensados dos gastos e sacrifícios de uma viagem pelo prazer que lhes proporcionou, enquanto outros se confessam desiludidos e juram não voltar ao mesmo sítio e nisto consiste a melhor ou pior propaganda.

* * *

Portugal é um dos países em que a hospitalidade atingiu nos últimos anos, e mercê de determinadas circunstâncias, foros de celebridade que a própria História terá de registar, pelo asilo franco e sincero que deu a príncipes e governantes. No entanto os que vão e vêm do estrangeiro também contam maravilhas da maneira como são recebidos e o que é certo é que a corrente que tem estabelecido em prejuízo da «estância doméstica», aquém fronteiras, alarga seus domínios e influência, especialmente entre a mocidade que, a bem dizer, mal conhece tantos dos mais lindos e veneráveis recantos do seu país.

Quantos jovens se gabam de ter ido a Paris e outras capitais do mundo e nunca visitaram estes sítios onde começou Portugal!

Vão construir-se automóveis em PORTUGAL

Já de há muito é preocupação dos meios económicos nacionais — que a Imprensa tem reflectido por mais de uma vez o problema da fabricação de automóveis no nosso País, indústria que não poderia deixar de situar-se num plano verdadeiramente nacional pelas suas complexas implicações de toda a ordem. Acompanhou o Governo com toda a atenção, como não podia deixar de ser, os vários esforços que se foram desenvolvendo no sentido de dar viabilidade a um empreendimento de tamanha envergadura e já no segundo Plano de Fomento, que entrou em vigor no princípio deste ano, se apontava a intenção de dar ao caso solução definitiva.

Foi assim que, estudadas e ponderadas cuidadosamente as diversas hipóteses e circunstâncias, o sr. Ministro da Economia — com data de 24 de Agosto — lavrou um despacho concedente a licença de fabricação, que vem construir a resolução do problema, à Fábrica de Automóveis Portugueses — sociedade em organização.

Esclarecendo que a licença compreende a fabricação de automóveis, camions e tractores, o Governo estabelece um prazo de seis meses para a constituição definitiva da sociedade (que deverá ser sempre portuguesa, nos termos da lei n.º 1.994) e o prazo de dois anos para a conclusão da unidade industrial.

Fixa-se igualmente para a F.A.P. a obrigação de produzir pelo menos dois tipos de automóveis ligeiros, um de pequena e outro de média cilindrada.

Segundo a referida licença, os automóveis, camions e tractores F.A.P. deverão obedecer à definição de produto de fabricação nacional nos termos do decreto n.º 37.683, de 24 de Dezembro de 1949. Para atingir este abjectivo a Fábrica de Automóveis Portugueses deverá escalar a incorporação de peças nacionais por forma a que o valor nacional dos veículos atinja o mínimo de 20% ao fim do primeiro ano de laboração e cresça pelo menos 14% em cada ano, nos camions e tractores, e 8% nos ligeiros, alcançando assim a percentagem mínima legal de 60% ao fim do 4.º e do 6.º ano de laboração, respectivamente.

Trata-se, agora, do primeiro passo no erguer de uma nova e importantíssima Indústria (sabe-se que, em todo o Mundo, existem apenas 30 fábricas de veículos automóveis), que em breve prazo assumirá, seguramente, relevância transcendente na vida económica do País — influindo no trabalho nacional, economizando divisas, desenvolvendo indústrias subsidiárias e melhorando o abastecimento do Parque Automóvel Nacional.

TRIBUNA DE VIEIRA

Carta de Ruivães

Há absoluta necessidade da criação, nesta freguesia, de um subposto da Guarda Nacional Republicana, para protecção à propriedade rústica, que é constantemente invadida por certos matulões, que cortam árvores pelo pé, furtam frutas, feijões, etc., etc.

Não há, aqui, o menor respeito pelo que é do seu dono.

São os gados de certos zangãos, que pastam descaradamente na propriedade alheia; são os meninos selvagens que riscam e escrevem nos portais pintados de novo; que proferem publicamente, e em voz alta, as mais repugnantes e provocadoras obscenidades; as mulheres do soalheiro que penteiam, à margem dos caminhos, as guedelhas mal cuidadas, e passam o tempo a criticar a vida alheia, fruto necessário da nossa falta de civismo.

O posto da G. N. R. de Vieira do Minho fica a 18 quilómetros desta freguesia, razão por que se torna difícil um policiamento intensivo, não obstante o zelo do seu digno Comandante.

Porque não se cria, aqui, um subposto da G. N. R., como já houve em tempo?

O proprietário não tem meios eficientes de defesa do que é seu, nesta freguesia e nas adjacentes.

Há benefícios que não se podem regatear aos povos, mormente quando o progresso da grei está dependente deles.

O concelho de Vieira tem possibilidades de evoluir.

É indispensável que se cuido da sua electrificação, pois não se compreende que estando cercado de barragens, — Ermal, Venda Nova, Salamonde e Cançada —, fique a olhar para um canudo para a energia que vai produzir os seus benefícios em outras terras.

Quanto a ligações telefónicas, dá-se a mesma coisa.

Se houver, aqui, um incêndio, não há um telefone para se pedir a comparência dos bombeiros.

O governo facilita ao máximo a realização destes melhoramentos, mas não pode adivinhar o que nos falta.

Nós é que, pelas vias legais, temos o dever de pedir, de insistir, e o resto virá por acréscimo.

Pela minha parte, tenho feito tudo quanto posso, nesse sentido, mas não tenho encontrado, infelizmente, grandes ajudas por parte de quem as não devia negar.

Volto a insistir na grande conveniência de se construir a estrada Municipal de Ruivães—Frades, que dava aos povos da freguesia de Cabril a possibilidade de virem aqui transaccionar os seus produ-

pecta e fidalgamente delicada.

* * *

Há dias, tive o prazer de cumprimentar, aqui o Ex.º Dr. Frederico Soeiro, ilustre e muito abalizado veterinário, que vem todas as quintas-feiras a esta freguesia inspecionar a carne dos animais abatidos para consumo e tratar os que estiverem doentes.

Homem de cultura invulgar e de trato extremamente simples e afável, tem sabido conquistar a estima e a consideração de todas as pessoas que dele se abeiraram.

Dá consultas naqueles dias da quinta-feira, nesta freguesia, das 14 horas às 16, o que muito beneficia os donos de animais doentes.

Termino, com a nota de sempre:

Ruivães não tem luz eléctrica nem telefone.

Água mole em pedra dura, tanto dá, até que fura.

24-8-959.

Amadeu César

MAL, BASTANTE MAL

Governar é servir. Servir a todos: povo, instituições e ideais.

É atender e trabalhar pelo bem de todos, embora de preferência pelas instituições que sirvam mais nobres fins e, no campo político, pelos homens que participem dos ideais de quem governa, células que permitem essa governação.

Governar é servir a verdade e a justiça.

Fica-se, por vezes, surpreendido, ao ver-se que nem mesmo quando estão em jogo instituições da mais alta finalidade, homens da mais fiel dedicação aos ideais e de decisivo valor local, razões e direitos que não oferecem contestação, quem governa saia do comodismo para que os que precisam tenham menos necessidades e os que têm responsabilidades e razão se não envergonhem.

No caso vertente, Lisboa foi enganada pelas mais de-

sonestas afirmações, tão disparatadas que a sua publicidade a todos deixaria surpreendidos. Se foi atrevimento dizer-las, convinhamos que é doloroso ver-se como tardam em descobrir a verdade, que para encontrar, basta abrir os olhos por ser tão clara como os resultados da matemática.

Mas compreende-se menos que, quando todos os factores são favoráveis, desde o organismo até aos homens sem abstrair da justiça que preside à aspiração, não se dê andamento às coisas, aquele mesmo andamento que se deve dar em todos os casos e que quase sempre se dá com certa celeridade quando há interesses da oposição.

Ou será (como já ouvimos) que neste caso há dedo opo- sicionista a travar os passos?

Havemos de voltar, mas com mais clareza.

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V- 201 | TELEFONE, 30 29
—(S. VICTOR)— | —BRAGA—

Visado pela C. de Censura